

GEOGRAFIA E LITERATURA: O TERRITÓRIO DOS CAPITÃES DA AREIA

CAROLINA REHLING GONÇALO¹; ANDREA CZARNOBAY PERROT²

¹Universidade Federal de Pelotas – carolrg90@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andrea.perrot.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe-se a realizar um estudo aproximando a literatura do trabalho geográfico através da representação do território de meninos de rua no romance *Capitães da Areia* de Jorge Amado, lançado em 1937. A representação deste território será utilizada como ponto de partida para a compreensão do território ocupado por meninos de rua ainda hoje na cidade de Salvador/ BA. Para tanto, foi realizado trabalho de campo nesta cidade.

Tem-se como objetivo realizar um estudo geográfico utilizando a literatura como objeto social, capaz de proporcionar a compreensão dos problemas de ordenação do espaço e do território. Além disso, objetiva-se, também, identificar o território ocupado por crianças de rua no ano de 2015 em Salvador.

Para tanto, foi utilizado o conceito de literatura desenvolvido por LAJOLO (1989), sendo a literatura vista como objeto social, capaz de agir como porta para um mundo autônomo, onde o que é lido permanece vivo com o leitor até ser incorporado como vivência.

Trabalhamos com a configuração de obra definida por CANDIDO (2006), ou seja, algo que depende estritamente do autor/artista, das suas condições sociais e de sua posição, refletindo seus valores sociais e sua ideologia. Na mesma perspectiva, é empregado aqui o conceito de representação de CHARTIER (2002), para quem a representação e o ato de representar estão imbuídos de relações de poder, sendo possível pensar ‘quem pode representar?’, ‘o que representar?’. São perguntas cujas respostas assumem uma posição que jamais é neutra.

Por fim, para a análise e compreensão acerca do território, serão utilizados com mais ênfase os geógrafos RAFFESTIN (1993), SACK (1986), SOUZA (2000) e HAESBAERT (2013), os quais estão em acordo na definição de que território é um espaço onde são exercidas relações de poder.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir da leitura e análise da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, identificando as representações do território ocupado pelos meninos de rua, conhecidos como Capitães da Areia, que vagavam durante o dia pelas ruas da Bahia e à noite se reuniam para dormir num casarão abandonado localizado na frente de um trapiche. Fez-se uma revisão conceitual de território e de suas representações. Também foi realizada a identificação e registro dos atuais territórios de meninos em situação de rua em Salvador através de fotos feitas em diferentes locais (praças, ruas, etc.) e em diferentes horas do dia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tratada como meio de investigação geográfica, a literatura é percebida de acordo com a definição atribuída por LAJOLO (1989), como algo que pode criar, dando existência plena ao que, sem a literatura, ficaria no campo do inomeado, apontando para o provisório da criação. Ou seja, através da literatura pode-se transpor o indivíduo até a paisagem, território ou mesmo lugar que se quer conhecer e construir.

Neste caso, a literatura também é definida como defende CANDIDO (2006), como algo que reflete os valores e ideologias de quem a cria, contribuindo assim no conteúdo da obra. Desta forma, percebe-se no romance de Jorge Amado grande crítica social à época, pois em *Capitães da Areia* é narrada a vida de diversas crianças abandonadas, tanto por suas famílias como pelo Estado, vivendo de furtos e da maneira como conseguem. Ao mesmo tempo, os órgãos responsáveis pelos menores apresentam grande descaso, tendo como única intenção a punição dos mesmos.

A representação destes meninos que vivem pelas ruas de Salvador, chamada por eles de Cidade da Bahia, é entendida de acordo com a definição de CHARTIER (2002). Para ele, a representação é a percepção do real num discurso que não é neutro e que produz estratégias e práticas sociais que podem impor autoridade a aqueles que a menosprezam, legitimando-a.

Na tentativa de relacionar Geografia e Literatura, FUENTES (2007) trata a literatura como arte que acrescenta algo à realidade, que antes não se encontrava ali e que, assim, acaba formando a realidade, da mesma forma que:

O romance não mostra nem demonstra o mundo, senão que acrescenta algo ao mundo. Cria complementos verbais do mundo. E, conquanto sempre reflita o espírito do tempo, não é idêntico a ele. Se a história esgotasse o sentido de um romance, este se tornaria ilegível com o passar do tempo e com a crescente palidez dos conflitos que animaram o momento em que o romance foi escrito. (FUENTES, 2007.p.19).

Assim, seria sem dúvida empobrecedor trabalhar a obra *Capitães da Areia* presa e delimitada pelo seu contexto e época em que foi escrita. Pretende-se aqui considerar o contexto em que foi produzida, sem reduzi-la a ele, visto que a obra representa claramente anseios e críticas do autor quanto à sociedade da época. No entanto, é surpreendente a atualidade presente no livro quanto aos assuntos sociais abordados, visto que os mesmos não se restringem somente à cidade de Salvador, mas também à realidade de muitas capitais e demais cidades do Brasil. Atualmente essas crianças que Jorge Amado representou realizando furtos para sobreviverem estão intimamente ligadas ao tráfico de drogas, permanecendo a raiz do problema, como a ausência da família e da escola, que se agrava em favelas e comunidades mais pobres.

Através do olhar geográfico percebeu-se diversos territórios que permeiam a obra *Capitães da Areia*, sendo escolhido para este trabalho o território pertencente aos próprios meninos de rua. Ou seja, o espaço onde os meninos exercem relação de poder, onde se agrupam e dominam, existindo até mesmo um núcleo deste território, podendo ser identificado como o trapiche.

O território segundo RAFFESTIN (1993) é tido como um espaço que pode tanto incluir como excluir pessoas e grupos, aplica-se aqui como um espaço que exclui os menos favorecidos, especificamente os Capitães da Areia que são

relegados à Cidade Baixa, ou seja, a uma zona abandonada do cais que não é mais utilizada e onde eles mesmos vão produzir e defender seu território.

Na concepção de Souza (2000), o território é encarado como um campo de forças, uma rede de relações sociais ou teia, que em sua complexidade é capaz de definir um limite e uma alteridade, o que proporciona a diferença do “nós”, como um grupo e os de fora. Faz-se evidente o grupo e suas leis, como escreve: “Vão alegres. Levam navalhas e punhais nas calças. Mas só os sacarão se os outros puxarem. Porque os meninos abandonados também têm uma lei e uma moral, um sentido de dignidade humana.” (AMADO, 2008, p.194). Ou seja, essa “lei” faz parte do limite adotado por eles próprios, da mesma forma como aparecem grupos diferentes dos Capitães da Areia, como a fala de Pedro Bala: “- Amanhã tu vai embora... Não quero mais tu com a gente. Vai ficar com a gente de Ezequiel, que vive roubando uns dos outros” (AMADO, 2008, p.48). Com isso, nota-se a presença de outros grupos.

Todo grupo possui uma identidade que é formada por determinadas características e marcas. No caso dos Capitães da Areia, além das roupas, dos hábitos entre outras coisas, uma evidência de sua identidade enquanto grupo é a gargalhada, como mostra o seguinte trecho: “Riram os dois juntos, logo foi uma gargalhada dos quatro, como era costume dos Capitães da Areia.” (AMADO, 2008, p.181). Assim, essa gargalhada, pode ser classificada como “identidade territorial” como sugere Haesbaert:

...muitos espaços expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há “espaços” ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concreta e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material. É o que autores como Poche (1983) denominam “espaços de referência identitária”, a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que, de qualquer forma, emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial. (HAESBAERT, 2013, p.149).

Desta forma se formam identidades, sejam elas locais, nacionais ou regionais, sendo fortalecidas não somente pelos aspectos naturais do espaço em que estão inseridas, mas também pela significação que o território possui. Ainda pensando em identidade e como comunicação, a gargalhada marca dos Capitães da Areia pode ser incluída no que coloca Sack:

Segundo, por definição, a Territorialidade deve conter uma forma de comunicação. Isto pode envolver uma marca ou sinal, tal como é comumente encontrada em uma fronteira. Ou uma pessoa pode criar uma fronteira, através de um gesto, tal como apontar. Uma fronteira territorial, pode ser somente a forma simbólica que combina uma afirmação sobre a direção no espaço e uma afirmação sobre a posse ou exclusão. (SACK, 1986, p.25).

O território dos Capitães da Areia é identificado com todas as características descritas pela literatura acadêmica, contemplando o espaço, as relações de poder, as marcas, a identidade, o processo de apropriação, de criação e defesa, entre outros. Já em trabalho de campo realizado em maio de 2015 na cidade de Salvador foi possível identificar através de registro fotográfico espaços ocupados por crianças de rua, sendo identificados estes espaços

próximos ao centro histórico da cidade; em locais turísticos foram encontradas crianças dormindo no chão durante o dia e transitando à noite.

A quantificação dos dados torna-se relativa, uma vez que seria necessário um mapeamento detalhado de todas as zonas da cidade e do número de habitantes para se poder afirmar ser grande ou pequeno o grupo de menores em situação de rua. No entanto, através da observação e registro, em diferentes horários dos mesmos lugares, pode-se afirmar que existe um número significativo de crianças em situação de vulnerabilidade ocupando estes espaços.

4. CONCLUSÕES

O território é compreendido como um espaço determinado pelas relações de poder e domínio. Desta forma, foi possível identificar na obra *Capitães da Areia* representações que se inserem neste conceito, permitindo assim a identificação destes territórios. O território dos meninos de rua presente no livro apresenta as características descritas pela literatura acadêmica quanto a estes espaços, ou seja, flexibilidade espacial e temporal, flexibilidade quanto às leis e normas vigentes, conflitos entre grupos que disputam o mesmo território, etc.

O trabalho de campo possibilitou verificar a presença destes mesmos territórios no centro da cidade de Salvador, registrando-os e interpretando-os. Por fim, a elaboração deste trabalho mostrou que é possível o uso da literatura como objeto social capaz de representar determinadas percepções da realidade, que podem servir para reflexões acerca dos problemas de ordem territorial, tendo em vista o pouco uso da literatura pela Geografia e que, no entanto se mostra como um vasto campo de estudos e possibilidades de análise da sociedade por parte do geógrafo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2.ed. Álgês/Portugal: DIFEL, 2002.
- FUENTES, Carlos. **Geografia do romance**. (trad. Carlos Nougué) Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LAJOLO, Marisa. **O que é a Literatura**. 11ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SACK, Robert David. **Territorialidade Humana: sua teoria e história**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O TERRITÓRIO: SOBRE ESPAÇO E PODER, AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.77-116.